

SANTOS, Idelette M. F. dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial.* Campinas, Ed. da Unicamp, 1999, 421 p.

Sônia Maria van Dijck Lima *

Retomando e atualizando sua tese de doutorado, Idelette Muzart Fonseca dos Santos apresenta a demanda da poética popular empreendida por Ariano Suassuna e pelo Movimento Armorial; e, ao mesmo tempo, organiza sua própria demanda da poética de Ariano Suassuna e do Movimento Armorial. Como resultado, oferece ao leitor o inventário poético não só de um movimento cultural, mas de uma região.

Nos idos de 1977, conheci Idelette. Ela, que já dominava a teia do Movimento Armorial, conhecedora da aventura novelesca de Quaderna, "história de amor e de culpa; de sangue e de justiça; de sensualidade e violência; de enigma, de morte e disparate; de lutas nas estradas e combates nas Catingas...", e das andanças de João Grilo, se preparava para o *doctorat d'Etat* (Univ. de Paris III, 1981). Eu, iniciando o mestrado, pretendia aventurar-me no mundo mágico da literatura de Hermilo Borba Filho. Nada mais natural do que uma estudiosa de Ariano Suassuna e uma leitora de Hermilo Borba Filho aproximarem-se. Não se pode falar da travessia de um deles sem falar no percurso do outro. Entre suasunianos e hermilianos o nome de cada um desses agitadores culturais é senha para longas conversas sobre cultura brasileira. Começava uma amizade, assentada numa duradoura cumplicidade pessoal e acadêmica, que nos levou a uma experiência com-

* Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

partilhada na Universidade Federal da Paraíba, no trabalho na Diretoria da ANPOLL, sob a presidência de Marcuschi, em uma tarde inesquecível no ateliê de Brennand, e em boas risadas diante dos casos narrados por Ariano à cabeceira de sua mesa patriarcal, completamente rendidas, tanto quanto toda a família Suassuna, diante das artes encantatórias desse sertanejo nascido no litoral.

Para falar do livro de Idelette, começo salientando sua contribuição, para que se tenha mais um trecho do painel da cultura brasileira. Este país é ainda mais amplo do que os sete reinos do Sertão visitados pela narrativa de Quaderna. Mário de Andrade bem sabia disso, e Macunaíma tem o privilégio de freqüentar nossa variedade cultural. Idelette, a exemplo dos artistas armoriais, resistiu à atração dos movimentos culturais do Centro-Sul, e resolveu investigar uma proposta de reflexão estética, que, procurando abolir a fronteira entre as artes, encontra na cultura popular inspiração, identificação, modelo, materiais, técnicas, instrumentos, temáticas, textos, mestres e heróis, para construir uma arte brasileira: o Movimento Armorial, no qual sobressai a carismática figura de Ariano Suassuna, professor universitário, escritor, poeta, gravador, teórico e liderança.

Reconstituindo o percurso suassuniano, a autora retorna à década de 40, para encontrar Ariano, junto com Hermilo Borba Filho, envolvido no Teatro do Estudante de Pernambuco; promovendo um encontro de cantadores e violeiros no Teatro Santa Isabel; realizando pesquisa sobre o maracatu, para publicar em livro, junto com Hermilo Borba Filho. Depois, Ariano integra o grupo d' "O gráfico amador", e lá está, no fim da década de 50, Hermilo Borba Filho. É ainda com Hermilo Borba Filho e mais Gastão de Holanda, Capiba, entre outros, que, em 1959, Ariano Suassuna participa da criação do Teatro Popular do Nordeste, cujo repertório vai dos clássicos gregos, passando por Martins Pena, até Ariano Suassuna e Luiz Marinho, sob a regência do

encenador Hermilo Borba Filho. A divergência em torno da concepção brechtiana de espetáculo encerra a parceria entre Hermilo e Ariano, que já fermentava uma proposta estética, cuja apresentação formal acontece no dia 18 de outubro de 1970, na velha cidade do Recife, na igreja de São Pedro dos Clérigos, com um concerto da Orquestra Armorial e uma exposição de artes plásticas: inaugurava-se o Movimento Armorial, que, depois de alcançar a fase qualificada como romançal, se dispersa em 1981.

De acordo com a poética do Movimento, cada artista armorial recria seu universo nordestino. Por isso, o estudo visita o litoral, a zona da mata e o sertão; reencontra o vaqueiro, o cangaceiro e o santo. Recorre às lições de Câmara Cascudo e de Mário de Andrade, entre outros, para a melhor compreensão da cultura brasileira. Descreve instrumentos (viola nordestina, rabeca, pífano, marimbau), e, com a ajuda do musicólogo José Maria Neves, analisa composições musicais. Fala da literatura, da dança, do cinema, do teatro, das artes plásticas, da música e da concepção de arquitetura do Movimento Armorial. Uma tal empreitada requer que Idelette se situe na história política, econômica e social do Brasil, sem se esquecer da marca do coronelismo quando, por exemplo, analisa a temática das obras armoriais. Depois de submeter as realizações armoriais a rigorosas análises críticas, fundamentadas teórica e historicamente, aponta tendências do armorialismo: “o interesse pela arte medieval”, “a influência considerável da literatura espanhola” e “a busca de uma expressão artística para uma região” (p. 278-289).

No estudo da narrativa e do teatro de Ariano Suassuna, Idelette rivaliza com os pesquisadores-artistas armoriais. Principalmente, nas páginas que tratam do *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* e naquelas acerca do *Auto da Compadecida*, mergulha na literatura popular brasileira e traz extenso estudo dos romances e dos folhetos de feira, retornando à cultura ibérica sempre que a análise exige, para uma

melhor compreensão da trama transtextual da criação suassuniana. Valendo-se da formulação de Compagnon, traça um quadro teórico da citação popular e, em seguida, um esquema recapitulativo da citação no *Romance d'A Pedra do Reino*. Serve-se de Gérard Genette, para a identificação das práticas hipertextuais no agenciamento estrutural do *Auto da Compadecida*.

O livro deixa claro que o Movimento Armorial é uma atitude erudita, que se compromete com a literatura popular, com a arte do povo, “apresentada como fonte, modelo de criação e bandeira cultural” (p. 14). Por isso, salienta a autora: “A referência culta dos artistas deve ser vista nesta perspectiva, como confluência de interesses mais do que influências. É na medida em que tiveram objetivos ou caminhos comuns, ou próximos dos artistas armoriais, que Gil Vicente, Calderón de la Barca, Cervantes, Frederico Garcia Lorca, José Lins do Rego ou Guimarães Rosa foram identificados como ‘mestres’ de um ou vários escritores armoriais.” (p. 287).

Tendo já prestado significativa contribuição para o estudo da cultura brasileira, que se espalha em artigos e livros no Brasil e na Europa, a pesquisadora, agora, oferece um vasto panorama histórico e crítico de um movimento que participa, em definitivo, da história cultural brasileira. Idelette abre uma galeria de grandes nomes de artistas nacionais, como Antônio Carlos Nóbrega, Antônio José Madureira (conhecido como Zoca Madureira), Capiba, Francisco Brennand, Gilvan Samico, Marcos Accioly, Raimundo Carrero, incluindo, evidentemente, Ariano Suassuna, com seus perfis biográficos e suas produções artísticas e fortunas críticas informados no “Quem é quem no Movimento Armorial”, do final do volume. Isso para não falarmos em outros nomes que vão sendo mencionados no decorrer do estudo, como, por exemplo, o da escritora Janice Japiassu e o do maestro Guerra Peixe.

A primorosa edição da Editora da Unicamp reproduz partituras armoriais; traz fragmentos do mural *A Batalha dos Guara-*

rapes, de Francisco Brennand, e da *Tapeçaria de Bayeux*, com a qual a obra do pernambucano se relaciona. Tem ainda xilogravuras de José Costa Leite, desenhos, fotografias e gravuras de Ariano Suassuna, e belas reproduções de gravuras de Gilvan Samico. E presenteia o leitor com um pórtico emblemático: *O Grande Pássaro*, gravura de Ariano Suassuna, para um conto de Maximiano Campos.

Todavia, a melhor avaliação da significação e da abrangência do trabalho de Idelette pertence mesmo a Ariano Suassuna: “Idelette é o crítico com o qual todo escritor sonha...”